



**O PENSAMENTO CRÍTICO E A LEITURA DE ANTONIO CANDIDO SOBRE
MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA E LÚCIA MIGUEL PEREIRA**

**THE CRITICAL THINKING AND THE READING OF ANTONIO CANDIDO ON
MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA AND LÚCIA MIGUEL PEREIRA**

Alessandro de Almeida
alessandroedales@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

Edwirgens A. Ribeiro Lopes de Almeida
edwirgensletras@gmail.com
Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

RESUMO: Este texto pretende lançar um olhar sobre o pensamento crítico de Antonio Candido e suas influências sobre a crítica literária brasileira, sobretudo a partir da trajetória do autor bem como das leituras realizadas pelo crítico literário sobre o romance *Memórias de um sargento de milícias*, escrita no século XIX por Manuel Antônio de Almeida e sobre a produção crítica e ficcional deixada por Lúcia Miguel Pereira nos primeiros cinquenta anos do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica literária, Manuel Antônio de Almeida, Lúcia Miguel Pereira

ABSTRACT: This text intends to take a look at the critical thinking of Antonio Candido and his influences on Brazilian literary criticism. Especially from the trajectory of the author as well as the readings made by the literary critic on the novel *Memórias de um Sargento de Milícias* ('Memories of a sergeant of militias'), which was written in the nineteenth century by Manuel Antônio de Almeida and on the critical and fictional production by Lúcia Miguel Pereira in the first fifty years of the twentieth century.

KEYWORDS: Literary criticism, Manuel Antônio de Almeida, Lúcia Miguel Pereira



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

13

Há um estranho rapaz de Poços cujo mistério decifrar não posso, nascido no Rio de Janeiro, será paulista ou será mineiro esse enigmático rapaz de Poços?

Antonio Candido

Un grand causeur...

Davi Arrigucci Jr.

Era comum que, ao ser interrogado sobre sua naturalidade, o professor Antonio Candido respondesse com o trocadilho que inicia este texto, onde ressalta os lugares importantes pelos quais passou durante sua infância e ao longo de sua formação intelectual. Destacava o fato de ter nascido no Rio de Janeiro e passado parte de sua vida em Poços de Caldas, em Minas Gerais, e construído grande parte de sua formação intelectual e atuação profissional no estado de São Paulo.

O próprio crítico punha em relevo três determinantes para a sua formação intelectual, os quais ressaltava ser a relevância dos pais, como bons e ativos leitores, os seus mestres franceses e italianos na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde cursou Ciências Sociais, ainda, a Revista *Clima*, na década de 40, onde iniciou sua carreira de crítico literário, juntamente com os “*Chato-boys*”. Nessa empreitada, o sociólogo contava com a parceria de Alfredo Mesquita, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes e Gilda Rocha de Mello e Souza, que viria a ser sua esposa.

Abandonando o curso de Direito no decorrer do mesmo, Antonio Candido, ainda estudante de Ciências sociais, se tornou um crítico influente escrevendo em jornais e exercendo a docência na Unesp e na USP. Empreendeu as primeiras leituras críticas sobre escritores do Romance de 30 enquanto atuava num Grupo apolítico, porém Candido atuou como militante socialista, exercendo ativa função



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

14

e participando da fundação do Partido dos Trabalhadores, em 1980.

Ademais da intensa atuação no plano social e político, Antonio Candido revolucionou o modo de ler o texto literário a partir da publicação da tese *O método crítico de Silvio Romero*, em 1945. Daí em diante, foram inúmeros os textos críticos publicados que o tornaram um dos críticos literários brasileiros mais lidos e respeitados no Brasil e em vários países do exterior. *O método crítico de Silvio Romero* pode ser considerado como o ponto de partida dos estudos que permitiriam ao crítico pensar as ideias de “formação” e de “sistema” que tanto orientaram os estudos de literatura, propostos em seu livro *Formação da Literatura Brasileira*.

Para Silvio Romero (1888), não havia sistema na literatura brasileira, na qual existia uma lacuna e uma falta de seriação nas ideias. Antonio Candido, estudando o método do sociologismo determinista de Romero, argumenta em seu *Formação da Literatura Brasileira* que “A (literatura) brasileira não nasce, é claro, mas se configura no decorrer do século XVIII, encorpando o processo formativo, que vinha antes e continua depois”¹. Portanto, na leitura de Antonio Candido, a literatura, por ser um sistema “de obras ligadas por denominadores comuns que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase”², começa a se formar, no Brasil, ao longo do século XVIII, ganhando a sua formação no século XIX, quando se configura um sistema organizado em torno de autor, obra e público.

Para compreender o esquema da *Formação da literatura brasileira* é preciso ter presente que o ponto de vista era o dos românticos. O método adotado foi o histórico e o estético, com uma aproximação entre história, teoria e crítica, aspecto definidor do modo de pensar de Candido em mais uma de suas obras fundamentais para se pensar a arte literária, *Literatura e sociedade*. Na *Formação*, o contexto analisado é o da passagem da colônia para a

1 CANDIDO, 2007, p. 28.

2 CANDIDO, 2007, p. 32.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

15

independência. Nesse contexto, fica entrevisto o esforço em construir uma cultura que identificasse o País e, dentro desse processo, está a constituição do sistema literário nacional. Por sua relevância no cenário crítico literário e cultural do Brasil, a obra de Candido passou a integrar o grupo de obras clássicas de autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda ou Caio Prado Jr.

Na esteira desses dois grandes livros, o autor também publicou obras decisivas para a análise do texto literário como *Ficção e confissão* (1956), *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária* (1965), *Tese e antítese* (1964), *Vários Escritos* (1970), *O discurso e a cidade* (1993), *O Romantismo no Brasil* (2002), *O albatroz e o chinês* (2004) no qual se encontra o texto “Lúcia” a que utilizaremos para demonstrar o ponto de vista do autor sobre a também crítica, sua prima, Lúcia Miguel Pereira. Além desses, o sociólogo publicou vários outros livros individuais bem como outros em parceria, como interessa citar *Presença da literatura brasileira: histologia e antologia* (1964), juntamente com José Aderaldo Castelo, onde apresentam um panorama histórico da literatura e também *A personagem de ficção* (1968), com os parceiros Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado e Anatol Rosenfeld, obra em que Antonio Candido apresenta um texto analisando como a personagem se comporta em relação à pessoa inscrita no romance.

Em “A personagem no romance”, Candido acrescenta que o ser fictício é mais lógico que o ser vivo, pois “o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser”³. Portanto, a compreensão do ser que nos vem do romance, embora complexa, é mais precisa do que a que nos vem da existência, pois conhecemos o sujeito do exterior, mas a personagem pode ser vista de dentro, através da ação do romancista.

Na obra *Literatura e sociedade*, de 1965, o crítico perfila uma nova forma

3 CANDIDO, 2005, p. 59.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

16

de interpretar o texto literário, sobretudo perfazendo a análise sociológica realizada sobre o texto de ficção. Nessa obra em que o autor mescla a análise intrínseca com a extrínseca em pleno auge do estruturalismo, demonstra como os fatores extrínsecos podem se tornar parte da estrutura interna, aspectos que Candido demonstra com muita precisão no texto “Dialética da malandragem”, analisando *Memórias de um sargento de milícias*. Para Candido, “Apenas estaremos nas camadas mais fundas da análise quando o traço social é visto funcionando para formar a estrutura do livro”⁴.

Pensando por esse viés é que Candido lê os inúmeros textos de ficção da literatura brasileira e estrangeiras, como é o caso do seu posicionamento sobre os textos de Manuel Antônio de Almeida e de Lúcia Miguel Pereira, em destaque aqui. Segundo ele, esses dois autores se empenham em manter a representação do social estampada pelo viés da imaginação de modo, como explicita em *Literatura e sociedade* que, “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”⁵. Dessa maneira, é imprescindível acrescentar que “Quando isto se dá, ocorre um paradoxo: o *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica”⁶. O exemplo disso é, como demonstra em “Dialética da malandragem”, que o autor trabalha aspectos da realidade de modo subjetivo, mas integrando-os aos elementos internos do texto. Desse modo, na expressão de Candido, “podemos sentir a realidade”. Ao colocar em cena situações de danças, rituais religiosos, de vigilância do Major Vidigal, ajeitos para conseguir favores, bem como personalidades populares e situações reinantes nas ruas cariocas daquele contexto, Manuel Antônio de Almeida coloca o leitor, ainda que no tecido ficcional, de modo atemporalmente, em contato com uma dinâmica

4 CANDIDO, 1973, p. 52.

5 CANDIDO, 1973, p. 40.

6 CANDIDO, 1973, p. 42.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

17

deveras existente no contexto do século XIX.

A explicação do critério de Antonio Candido é o de que, “[o] primeiro passo é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a *mimese* é sempre uma forma de *poiese*”⁷. Para Candido, na narrativa de Manuel Antônio de Almeida, o elemento social é dissolvido na construção literária a fim de dar maior realce à construção do enredo. O autor põe em cena personagens pouco recorrentes na literatura romântica: prostitutas, comadres, parteiras, barbeiros, professores, feiticeiros, meirinhos; enfim, um contingente significativo que povoava as ruas do Rio de Janeiro, no tempo do Rei Dom João VI. Assim, o crítico e sociólogo exemplifica seu pensamento exposto em *Literatura e sociedade* e reorienta a crítica sociológica aplicada à literatura.

Se o contexto representado se aproxima das experiências vividas no plano histórico, percebida a existência histórica de certo “Major Vidigal”, representante da lei na sociedade carioca dos anos retratados, reportamo-nos aos estudos de Beth Brait (1987), que se orienta na direção de Candido, no sentido de pensar a personagem enquanto uma representação com vistas no histórico, a fim de esclarecer essa presença nas *Memórias*. Para a autora, a personagem se distancia da pessoa porque ela é um ser ficcional, inventado, criado: portanto, constitui um fruto da imaginação, montado a partir dos recursos oferecidos pelo código verbal. Para maior esclarecimento desta diferenciação, recorreremos aos estudos de Candido (2005) com o propósito de distinguir o *Homo fictus* e o *Homo sapiens*. O *Homo fictus* é uma construção intencional do autor, já que diz pouco ou quase nada da complexidade do ser humano: pode ou não refletir algumas características do *Homo sapiens*. Como atesta Candido, o Major Vidigal que encontramos em *Memórias de um sargento de milícias* é uma criação como as demais personagens que interagem na obra.

7 CANDIDO, 1973, p. 12.



E, para dar o sentimento de verdade, o autor manipula a realidade, reproduz ou inventa a personagem a fim de construir a ficção. Dessa forma, é da memória que o romancista extrai elementos da invenção, “e isto confere acentuada ambiguidade às personagens, pois elas não correspondem a pessoas vivas, mas nascem delas”⁸.

Refletindo a partir do pensamento de Candido de que a estrutura externa se torna elemento interno no texto literário, Roberto Schwarz segue a mesma trajetória do crítico para analisar a obra *Memórias de um Sargento de milícias*. Para ele, o que temos na obra do século XIX em questão: “[t]rata-se da imitação de uma estrutura histórica por uma estrutura literária. Quanto aos pressupostos desta posição, note-se que o país a que alude a forma de um romance não é o mesmo a que alude uma passagem de intenção documentária”⁹.

Segundo Schwarz, esse viés discursivo de Candido estabelece a conexão entre literatura e sociedade, mais ainda, busca mostrar como o contexto histórico das *Memórias* foi manipulado pelo autor na construção de sua forma literária. Dizendo o mesmo em outras palavras, Schwarz conclui: “Está na firmeza com que Antonio Candido se deixa guiar pelo discernimento formal, seja para discriminar as componentes de fatura do livro e estabelecer a sua organização, seja para buscar o seu correlato social, que será construído para explicar a forma”¹⁰.

Acrescenta Candido que, em muitas passagens da obra, podemos perceber a intuição do real sugerido pelo romancista. “Quando o autor os organiza de modo integrado, o resultado é satisfatório e nós podemos sentir a realidade”¹¹. Para tornar clara a citação, Candido faz uso do capítulo 15, “Estralada.” A fim de ratificar a proposição, retornamos ao primeiro capítulo, “Origem, nascimento e

8 CANDIDO, 2005, p. 67.

9 SCHWARZ, 2002, p. 135.

10 SCHWARZ, 2002, p. 145.

11 CANDIDO, 1993, p. 33.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

19

batizado”, em que o narrador principia descrevendo um tipo do tempo do Rei, o meirinho. Faz comparações de ordem física e moral - trajes, feição, honra, respeito, costumes e prestígio – entre o tempo presente da enunciação com aqueles dos primeiros anos do século XIX. Preocupa-se, também, com a descrição das ruas e do ponto de encontro chamado “o canto dos meirinhos”. Ao passo que vai esclarecendo as transformações pelas quais passou o exercício dessa profissão, apresenta também a personagem Leonardo-Pataca.

Sendo meirinho, o mais antigo da corporação, a depreciação de suas características físicas e morais vão *pari passu* entrando em conformidade com a degradação observada acerca da época. E acrescenta o narrador: “Sua história tem pouca coisa de notável”¹². Tudo, no capítulo, comunga de intensa sintonia entre os elementos extraídos da realidade e o trabalho fantasioso do autor. A harmonia com que os elementos documentais, inclusive o espaço denotado, os trajes, os valores, os costumes vão servir como instrumentos de compreensão da depreciação da personagem, dos hábitos e dos valores que estarão gerindo a estrutura da narrativa. Nesse sentido, a *mímesis* acontece como resultado da tradução ou absorção do objeto histórico pelo objeto artístico. No fragmento citado, o documento pode ser percebido como parte constitutiva da ação e não apenas como algo isolado. Assim, podemos concordar com Candido (1973) que é a forma o esqueleto de sustentação da narrativa, embora esta tome corpo quando se alimenta da redução estrutural de um dado social externo à literatura e pertencente à história.

Num texto bem menos conhecido que “Dialética da malandragem”, intitulado “Lúcia”, publicado em 2004, Candido tece algumas observações sobre a atuação crítica e ficcional de Lúcia Miguel Pereira, historiadora, ficcionista e também crítica literária. Num dos poucos momentos em que o autor comenta sobre Lúcia, que era sua prima, observa a vinculação que a mesma possuía aos

12 ALMEIDA, 1999, p. 11.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

20

princípios do tempo em que escreve, no entanto, o mesmo ressalta essa mesma preocupação de Lúcia em expor esse elemento externo como interno em sua ficção. De modo bem mais objetivo e sucinto do que a exegese realizada sobre *Memórias de um sargento de milícias*, nesse texto sobre Lúcia Miguel Antonio Candido ressalta a importância de duas coletâneas dos textos críticos de Lúcia publicadas em jornais e revistas, reunidas em livros intitulados *A leitora e seus personagens* e *Escritos da maturidade*, nos quais a crítica assume sua postura de se posicionar diante de escritos diversos, desde a literatura brasileira, estrangeira, sobre a concepção do romance até a preocupação com os acontecimentos do tempo e ainda sobre a condição social da mulher.

Lúcia Miguel, além de crítica, atuou como ficcionista quando escreveu quatro romances *Maria Luiza*, *Em surdina*, *Amanhecer* e *Cabra-cega* e outros quatro contos infantis *A fada menina*, *Na floresta mágica*, *Maria e seus bonecos* e *A filha do Rio Verde*. Tanto na ficção quanto na crítica, a autora era, segundo Candido (2004), muito preocupada com as circunstâncias em seu entorno. Lúcia “se preocupava muito com os problemas do espírito e da conduta em relação ao seu tempo”¹³. Nessa empreitada, Candido acrescenta o empenho da autora em imprimir, nas páginas da ficção, sobre a condição social, a censura, as limitações, a subserviência ao poder masculino da mulher na década de 30. Referindo-se aos textos de ficção da década de 30 escritos por Lúcia, Candido explica que a mesma manteve coerência quando, ao invés da observação do exterior, como fez alguns dos regionalistas, preferiu olhar para dentro do seio familiar, examinando as inquietações femininas nutridas pelas transformações pelas quais passava a época.

Se nos textos para adultos a autora teve ainda a preocupação de trazer as inquietações e experiências sociais para serem transformadas em elemento interno, usou sua capacidade fabulativa para executar o mesmo nos contos

13 CANDIDO, 2004, p. 127.



infantis. Acrescenta o crítico que Lúcia Miguel sempre manteve grande habilidade na adequação do texto literário, construindo sua estrutura interna. Nessa perspectiva, explicando a habilidade da autora em transportar elementos da vida social para a ficção, acrescenta que, “desde menina [Lúcia] manifestou muita capacidade fabulativa, criando um personagem, a princesa Rosa Violeta, protagonista das histórias que inventava para as irmãs e apareceria mais tarde nos seus belos contos infantis”¹⁴.

Aqui, o crítico se refere à habilidade de Lúcia Miguel em transformar uma personagem que já fazia parte de sua imaginação, quando contava histórias para as irmãs e dar a ela uma linha de coerência através da ficção na personagem Rosa Violeta, de *A fada Menina*. Conta o narrador de *A fada menina* que “Havia também feiticeiros, mágicos, pessoas que Rosa Violeta só conhecia de nome, que nunca imaginara que existissem de verdade”¹⁵. Nesse ponto, no plano da ficção, aquilo que se constituía na imaginação da autora se torna concreta na materialidade da obra literária, através da personagem Rosa Violeta.

Enfim, pelo viés de análise sociológica de Candido, é possível perceber que, tanto na ficção de Lúcia Miguel quanto de Manuel Antônio de Almeida, encontramos autores que, sintonizados com os acontecimentos do momento contemporâneo a suas experiências, conseguem trazer o elemento social para a ficção fazendo dele um elemento imanente da própria estrutura literária.

Dessa maneira, podemos observar que, para conceber seu pensamento crítico, Antonio Candido mantém a filiação ao estudo dos elementos intrínsecos como a literariedade, expressividade, função estética e a ficcionalidade baseada em teóricos e críticos como René Wellek, Percy Lubbock, Austin Warren, E. R. Forster e Afrânio Coutinho. Quanto à linha que prioriza os estudos da relação entre literatura e sociedade, na base dos estudos culturais, marxistas e históricos,

14 CANDIDO, 2004, p. 129.

15 PEREIRA, 1939, p. 68.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

22

o autor mantém pensamento como os de Terry Eagleton, Raymond Williams, Roger Bastide, Stuart Hall, Maria Elisa Cevalco, Roberto Schwarz, Frederic Jameson, dentre outros.

Por fim, tendo em conta a pluralidade de contribuições do pensamento crítico e da atuação do professor, crítico e sociólogo, podemos ressaltar 36 anos de docência e incentivo à formação de nossa inteligência crítica formando importantes nomes dos estudos literários e das ciencias sociais como Roberto Schwarz, Davi Arrigucci Jr, Walnice Nogueira Galvão, João Luiz Lafetá, Antonio Arnoni Prado, Jorge Ruedas de la Serna e Fernando Henrique Cardoso. Provocou uma reavaliação de conceitos imanentes aos estudos da literatura, propondo abordagens teóricas próprias e voltadas para a produção local, bem como a constatação de que não existe crítica fora da análise histórica. Nessa empreitada, Tânia Franco Carvalhal (2006) acrescenta que o crítico inspira noções que renovam atitudes convencionais e orientam para uma concepção original de comparativismo literário no Brasil, instiga o estudo no viés interdisciplinar e intertextual quando, no início dos anos 60, introduz a disciplina Literatura Comparada na Universidade de São Paulo e a implementação da disciplina Teoria literaria. Por conseguinte, por toda sua atuação seja como crítico, sociólogo, professor e militante, é notória a sua contribuição para a valorização do papel do professor, do pesquisador e da crítica literária no Brasil.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. 36. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvia Romero*. São Paulo: Edusp, 1988.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira. Momentos decisivos 1750-*



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

23

1880. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 3. ed. Revista. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

CANDIDO, Antonio. "Dialética da malandragem". In: CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1985. p. 123-152.

CANDIDO, Antonio. "Lúcia". In: *O albatroz e o chinês*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. p. 127-132.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 2006.

NOGUEIRA GALVÃO, Walnice. "A aula". In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (Orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida. Ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *A Fada menina*. Porto Alegre: Edição da livraria do Globo, 1939.

SCHWARZ, Roberto. "Pressupostos, salvo engano de dialética da malandragem". In: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 129-155

Breve currículo dos autores:

Alessandro de Almeida possui graduação em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (2003), mestrado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (2006) e doutorado em História na Universidade Federal de Uberlândia (2011). Professor temporário de História no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (2013-2015). Atualmente, leciona na Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República e História Moderna e Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: propaganda, política, igreja católica, imaginário, poder, desenhos animados, religiosidade e mídia.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

24

Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida é Pós-doutora em Literatura Brasileira (UFMG). Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília UNB (2010), Doutora em Língua e Literatura espanhola e hispano-americana pela Universidade de São Paulo USP (2013) Mestre em literatura brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais UFMG (2007) e graduada pela Unimontes em Letras Espanhol (2003), graduada em Letras/português, pela Unimes (2015). Professora do Programa de Pós-graduação em Letras/Mestrado e do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros. Tem experiência na área de Letras, com ênfase nas Literaturas brasileira, espanhola e hispano-americanas atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, ficção, história, patriarcalismo, Lúcia Miguel Pereira, Séculos de ouro, formas narrativas dos séculos XVI E XVII espanhol e Cervantes. Membro da Associação Brasileira de Hispanistas (ABH).